



Geografia: Políticas e Democracia 2

Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

Geografia, Políticas e Democracia 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 Geografia: políticas e democracia 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Geografia: Políticas e Democracia; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-146-6

DOI 10.22533/at.ed.466191902

1. Geografia física. 2. Geografia – Estudo e ensino. I. Lombardi,
Anna Paula. II. Série.

CDD 910.02

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Geografia: o Ensino de Geografia e os estudos pela abordagem ambiental na perspectiva política e democrática”, envolve estudos na área específica da Ciência Geográfica por duas abordagens distintas, mas por momentos se complementam através das práticas sociais que se estabelecem no espaço em sua totalidade.

A primeira, na área de Ensino de Geografia envolve estudos sob os mais diversos âmbitos entre eles: a música como norteadora dos conteúdos na Geografia, cidadania e ensino de Geografia, currículo mínimo na Geografia, educação ambiental, o ensino pela categoria paisagem na Geografia e as reflexões sobre as escolas rurais no Ensino de Geografia. A segunda, na área que envolve a abordagem ambientalista envolve os seguintes temas: os conflitos ambientais em regiões metropolitanas, áreas de preservação permanente ambiental nas bacias hidrográficas, regularização ambiental em imóveis rurais, os conflitos no campo e os impactos ambientais. Os 15 capítulos publicados pela editora Atena no volume 2, apresentam estudos de grande relevância contribuindo para os avanços da Ciência Geográfica pela perspectiva política e democrática.

Com o enfoque de contribuir no bem estar do coletivo e a integração desses no âmbito da sociedade são as principais preocupações expostas nos capítulos. A obra contribui na ampla relevância dos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos e através da complexidade dos fatos reais, tem como característica dar visibilidade a importância desses estudos para que se tornem temas centrais de investigação na academia.

A seriedade desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância do tema abordado.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos em questão, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A MÚSICA COMO TEMA NORTEADOR DOS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM OS ESTUDANTES DA EEEFM JOSÉ ROCHA SOBRINHO EM BANANEIRAS – PB	
Ana Cláudia Ribeiro da Silva Sâmara Rachel Ribeiro da Silva Trajano	
DOI 10.22533/at.ed.4661919021	
CAPÍTULO 2	11
CIDADANIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA ESTADUAL TEREZA DONATO DE ARAÚJO NA CIDADE DE MARABÁ – PA	
Fernanda Dias Carneiro Camila Garcia Nascimento de Souza Flaviana da Silva Borges de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.4661919022	
CAPÍTULO 3	20
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CAMPUS FIOCRUZ DA MATA ATLÂNTICA: CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM TERRITÓRIO SAUDÁVEL	
Priscilla Pedrette de Mello Alves Sebastião Martins de Medeiros Filho	
DOI 10.22533/at.ed.4661919023	
CAPÍTULO 4	31
GEOGRAFIA E MÚSICA: APONTAMENTOS SOBRE UMA POSSIBILIDADE DEMOCRÁTICA	
Tiago Lins de Lima Josué da Costa Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4661919024	
CAPÍTULO 5	41
O CURRÍCULO MÍNIMO DE GEOGRAFIA FRENTE ÀS POLÍTICAS CURRICULARES NACIONAIS	
Ana Carolina de Figueiredo Azevedo Ana Claudia Ramos Sacramento	
DOI 10.22533/at.ed.4661919025	
CAPÍTULO 6	54
O CURRÍCULO NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM SÃO CAETANO DO SUL: REFLEXÕES A PARTIR DO OLHAR DOCENTE	
David Augusto Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4661919026	
CAPÍTULO 7	64
O ENSINO DA PAISAGEM POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DA EDUCOPÉDIA E DAS PRÁTICAS COTIDIANAS DO ESTUDANTE NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL MARIO PENNA DA ROCHA SME/RJ	
Renata Bernardo Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.4661919027	

CAPÍTULO 8	75
REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DA GEOGRAFIA – DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Cristiane Cardoso Edileuza Dias de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.4661919028	
CAPÍTULO 9	84
REFLEXÕES SOBRE AS ESCOLAS RURAIS: EDUCAÇÃO DO CAMPO OU CURRÍCULO URBANO	
Abigail Bruna da Cruz Sandra de Castro de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.4661919029	
CAPÍTULO 10	94
O OLHAR DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE PARA MINAS GERAIS: ESTUDO DE CASO DE ITABIRA E BELO HORIZONTE	
Maria Luísa de Camargos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46619190210	
CAPÍTULO 11	110
TERRITÓRIOS E (IN)JUSTIÇA AMBIENTAL: CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA COMPREENSÃO DE UM ESTUDO DE CASO DE CONFLITOS AMBIENTAIS NO RIO DE JANEIRO	
Ana Maria Marques Santos Ana Carolina Marques Santos Tatiana de Souza Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.46619190211	
CAPÍTULO 12	120
CONTEXTUALIZAÇÃO DO CADASTRO AMBIENTAL RURAL E A REGULARIZAÇÃO AMBIENTAL DE IMÓVEIS RURAIS EM MATO GROSSO	
Joelson de Souza Passos José Carlos Ugeda Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.46619190212	
CAPÍTULO 13	134
CONFLITOS NO CAMPO E IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO MUNICÍPIO DE URUÇUÍ-PI	
Helena Vanessa Maria da Silva Manuela Nunes Brito Leal	
DOI 10.22533/at.ed.46619190213	
CAPÍTULO 14	143
CARACTERÍSTICAS FISIAGRÁFICAS DA BACIA DE CONTRIBUIÇÃO DA UHE SALTO DO RIO VERDINHO, GOIÁS, BRASIL	
Isabel Rodrigues da Rocha Daiane Ferreira Batista Wilson Sousa Queiroz Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.46619190214	

CAPÍTULO 15 155

ÁREAS DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE (APP) NA SUB-BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO VERDE,
JARDIM (MS)

Laís Viudes Modesto
Vitor Matheus Bacani

DOI 10.22533/at.ed.46619190215

SOBRE A ORGANIZADORA..... 163

O OLHAR DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE PARA MINAS GERAIS: ESTUDO DE CASO DE ITABIRA E BELO HORIZONTE

Maria Luísa de Camargos dos Santos

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Belo Horizonte – Minas Gerais

RESUMO: O presente trabalho aborda a literatura geográfica de Carlos Drummond de Andrade, e a maneira com que se utilizou de seus poemas e contos para relatar as transformações vividas em Belo Horizonte e Itabira. Em suas obras e crônicas de jornais, sempre deixou transparecer seu cunho político e a maneira como percebia as transformações ocorridas, em Itabira devido à exploração do minério, e em Belo Horizonte, por seu crescimento desordenado e verticalização. A leitura de Drummond traz elementos geográficos relevantes para o resgate dessas paisagens, além de mostrar como as mudanças entre 1930 e 1980 foram quase sempre abruptas para os moradores dessas cidades. A metodologia consistiu na leitura de suas obras, além de um trabalho de campo em Itabira e Belo Horizonte, para visualização das transformações relatadas pelo escritor e comparar o cenário atual das paisagens descritas por ele. Para o avanço da pesquisa, foram usados conceitos como Topofilia, trazido por Yi Fu Tuan, e a relação entre literatura e geografia, a partir de diferentes pontos de vista. Os resultados da pesquisa se deram a partir da comparação

das obras escritas no início de sua vida e no fim, buscando elementos característicos das transformações ocorridas, a fim de trazer traços da literatura para o meio geográfico, partindo da observação de cidadãos comuns. Também é necessário refletir no mundo que se vive atualmente e comparar com elementos do passado, será mesmo necessário transformar as paisagens dessa maneira? Até quando se dará a exploração do minério nessa velocidade? **PALAVRAS-CHAVE:** literatura; paisagem; transformações; cidades.

1 | INTRODUÇÃO

O estado de Minas Gerais e as cidades históricas nele presentes, são temas recorrentes em toda a obra de Carlos Drummond de Andrade. O autor vivenciou a maior parte do século XX, tendo vivido de 1902 a 1987, e em seus poemas, contos e crônicas, faz duras críticas à política, à mineração e ao crescimento das cidades significativas para ele. Nasceu em Itabira, passou parte da adolescência e da vida adulta em Belo Horizonte, de forma que pôde acompanhar as transformações espaciais ocorridas ao longo de sua trajetória. Assim, este trabalho busca explicitar a geografia de Minas Gerais na obra de Drummond, tendo como ênfase as cidades de Belo Horizonte e Itabira.

No primeiro livro escrito por Drummond, em 1930, há poemas dedicados às transformações observadas por ele em Belo Horizonte, Itabira e nas cidades históricas mineiras, como Sabará e Caeté. Nesse primeiro momento, já tratava essas modificações com enorme pesar, mas também com uma clareza que lhe acompanhou ao longo de toda sua obra literária.

É importante dizer que nos relatos do autor, ele traz o testemunho de seus pais e avós em relação a cidades e lugares de Minas Gerais. Isso faz com que ele realize um apanhado geral do que acontece no estado ao longo dos séculos XIX e XX. O seu pai, Carlos de Paula Andrade, era uma pessoa influente na região de Itabira do Mato Dentro, como era chamada à época. Portanto, tinha muita influência nas decisões políticas, o que acabou por interferir na visão do autor a respeito das transformações por ele observadas.

2 | OBJETIVOS

Este trabalho tem como principal objetivo remontar o passado histórico de Belo Horizonte e Itabira, a partir de poemas, contos e crônicas de Carlos Drummond de Andrade. A partir disso, faz-se necessário relacionar os fatos que aconteciam à época com registros deixados pelo escritor. Juntamente à recuperação da história dessas cidades mineiras atrelada à obra de Drummond, conceitos da Geografia Humanista serão utilizados como base teórica. Os objetivos específicos são: mostrar o crescimento das cidades, o efeito da mineração em Itabira, a verticalização de Belo Horizonte, e fazer uma comparação com a realidade vivida atualmente.

3 | METODOLOGIA

O trabalho está estruturado em três partes, a primeira delas tem como objetivo introduzir em que momento a Geografia e a Literatura se unem, base para o entendimento posterior. A segunda parte objetiva trazer trechos que exemplifiquem a relação da obra de Carlos Drummond de Andrade com Itabira e Belo Horizonte, de forma a contextualizar com a época vivida, principalmente a respeito da mineração e verticalização. A terceira e última parte traz os resultados dessa pesquisa, ao fazer uma comparação da obra de Drummond aos acontecimentos das últimas três décadas nas cidades em estudo.

Após encontrar materiais suficientes escritos pelo autor sobre Itabira e Belo Horizonte, um trabalho de campo fez-se necessário, para analisar a maneira como a cidade de Itabira lida com as memórias do autor e como as preserva. Já em relação a Belo Horizonte, este processo se deu a partir da observação atenta dos lugares que Drummond trata recorrentemente em suas obras, como a Avenida Afonso Pena, Serra do Curral e o centro da cidade.

4 | A RELAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

A Geografia se insere no contexto da literatura a partir de meados de 1970, quando Yi-Fu Tuan procura relacionar a ligação que o homem cria com o ambiente em que vive, o que passou a ser chamado de Geografia Humanista. Nesse contexto, tem-se buscado a interface entre a geografia e as ciências humanas, de forma que a literatura passa a ser vista como conhecimento de igual valor quando comparada a outras ciências. Segundo Monteiro (2002) não se trataria de substituir a análise científica pela criação artística, mas apenas de retirar dela novos meios de interpretação, um meio de enriquecimento.

O principal elo que permitiu a aproximação entre a Geografia e a Literatura é a noção de localização que se dá a partir do “lugar”, já que nas obras literárias o conjunto de lugares traz a noção de “espaço”, “meio” e também “objeto” (MONTEIRO, 2002). Além de trazer a descrição de paisagens e lugares, esta junção entrelaça o entendimento de espacialidade e geograficidade, presentes em narrativas e manifestações culturais, de forma a entender melhor a relação do homem com o espaço em que está inserido, assim como os seus sentimentos para com ele. Yi-Fu Tuan trata desse conceito, a partir do termo “topofilia”:

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1980, p.109)

Já a diferenciação entre espaço e lugar, se dá no livro *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, em que Yi-Fu Tuan mostra que os fatores biológicos; as relações de espaço; a amplitude da experiência ou conhecimento se entrelaçam de forma a justificarem como estes conceitos variam de acordo com influências culturais. Ele define que

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) As ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. (TUAN, 1983, p.6)

Baseado no que havia sido trazido anteriormente por Tuan, o geógrafo britânico Douglas Porteus introduz o conceito de topocídio. Para ele, o topocídio é a aniquilação das paisagens ou de elementos da cidade que trazem consigo um significado cultural. O autor exemplifica a partir da substituição do uso de uma área residencial para outros usos, ou seja, acaba por acarretar o desaparecimento de lugares que carregam sentimentos topofílicos para quem ali residiu.

Ao longo da década de 70, com a consolidação da Geografia Humanista,

estudiosos se voltaram para pesquisas que tinham como intenção a aproximação das ciências humanísticas. Este grupo era composto principalmente por geógrafos culturais, que buscavam a interface entre geografia e as ciências humanas, sem ter como foco principal as questões teórico-conceituais. Neste momento, os livros de Literatura passam a ser utilizados, de forma a buscar como os autores apropriam-se de elementos geográficos no decorrer de suas obras.

De acordo com Marandola e Gratão (2010), a literatura vai do particular em direção ao universal, e uma narrativa é capaz de trazer diversos elementos que podem ser utilizados em diversas escalas. A literatura demorou a ser considerada uma ciência, o que só ocorreu quando houve interesse em misturar diversos saberes em diferentes áreas do conhecimento, o que a aproximou da geografia.

Esta nova aproximação quer mais do que identificar elementos “reais” na descrição das paisagens e dos lugares. Quer estabelecer um entrelaçamento de saberes que se tecem também pelos fios de entendimento da espacialidade e da geograficidade, enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural. (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA apud MARANDOLA JR; GRATÃO, 2010, p.9)

O ponto-chave trazido pela literatura é que produz um tipo de conhecimento que difere de todas as outras ciências, um conhecimento criativo, que é capaz de expressar a existência humana e a sua essência.

5 | A CIDADE DE ITABIRA

Em 1933, Drummond escreveu a crônica “Vila de Utopia”, descrevendo a história de Itabira, quando completou cem anos que foi elevada à condição de Vila. Inicialmente, descreve a casa em que vivia e suas relações familiares; em um segundo momento, descreve a paisagem que circundava a casa; depois caracteriza o povo de Itabira; para então esclarecer a relação de Itabira com a exploração do minério de ferro:

Se a vida passasse depressa, a estrada de ferro já teria posto os seus trilhos na orla da cidade; à sombra do Cauê, uma usina imensa reuniria 10 mil operários congregados em cinquenta sindicatos. [...] Mas para que tanta pressa? Tudo virá a seu tempo, e se não for agora, como não foi em 1898, quando o padre Júlio Engrácia dizia ironicamente que “depois que diversos estudos ficou a esperança que passará na cidade uma via férrea, tem havido animação em construir; ao menos houve esta vantagem” – algum dia há de ser, e tudo estará bem. [...]

É curiosa esta vila de Utopia, posta na vertente da montanha venerável e adormecida na fascinação do seu bilhão e 500 milhões de toneladas de minério com um teor superior a 65% de ferro, que darão para “abastecer quinhentos mundos durante quinhentos séculos”, conforme garantia o visconde de Serro Frio . [...]

[...] Somos tão ricos, em Itabira, que não nos preocupamos com a nossa própria riqueza. Temos riqueza para dar ao mundo inteiro e ainda sobra para 499 mundos possíveis. Se oferecêssemos a cada habitante do planeta a insignificância de uma tonelada de ferro, quase todo o rebanho humano estaria servido, pois a cifra total do rebanho não vai além de 1 bilhão e 700 milhões de criaturas. Somos perdidamente, inefavelmente milionários. No entanto, a arrecadação da prefeitura, em 1932, não excedeu de 216 contos (inclusive 20 contos de saldo do exercício anterior), e uma

honesto parcimônia pauta a vida dessa gente ensimesmada e grave, que nada tem nem pede ao governo, e passa honradamente pelos guichês do Banco Comércio e Indústria, para emitir ou reformar as suas promissórias. Tanta riqueza em potência vem sendo, talvez, um grande mal para a vila de Utopia.

Posteriormente, descreve as transições ocorridas em Itabira:

[...] Os velhos da cidade, no meu tempo, já não podiam dizer da velha Itabira, porque eles mesmos não a haviam alcançado. As gerações anteriores, sim, desbravaram as matas no lugar onde hoje as meninas da Escola Normal e professores do grupo fazem o footing à noite, antes do baile no Atlético; fisciaram os córregos, plantaram – perto d'água, para que pudessem rezar mais a jeito, sem perturbar a lavagem do ouro – a igreja do Rosário, e depois, mais alto, a nova Matriz; [...] deram ao agrupamento social, ainda informe, contorno e coesão, estabelecendo em 1827 a freguesia, em 1833 a vila, e em 1848 a cidade: e esses últimos foram, na história política e administrativa, os construtores da segunda e atual Itabira.

Porque a primeira Itabira, a Itabira do ouro, essa não tinha outra forma, senão a que lhe traçaram, com a ponta do pé, os desbravadores sequiosos na sua “exploração insensata e ruínosa das lavras”, de que fala Eschwege. As leis vinham da Vila Nova da Rainha, para onde ia o trabalho e o suor dos mineiros, convertidos em imposto; as bênçãos e as proibições morais vinham de Santa Bárbara, onde a igreja assentara a sua freguesia. Na encosta áspera, os pretos vibravam a picareta, mergulhavam os pés na água escassa e barrenta. Um ou outro, com extrema dificuldade, ocultava na carapinha a pedra que daria para forrá-lo. [...]

Haverá uma terceira e diversa Itabira? Meu Deus, como me doeria responder sim à pergunta, e confessar que em 1933 o antigo menino da rua Municipal foi encontrar a sua cidade habitada por um pelotão de velhos, que nada poderiam dizer, e por um exército de rapazes e meninas, aos quais não tinha nenhuma mensagem para dirigir. Entre aqueles velhos e estas crianças, ele passeou rapidamente a sua incorrigível inquietação de trinta anos, a sua falta de solidariedade com as coisas, e sua incompreensão do meio humano, a sua saudade, a sua disponibilidade. E o seu sofrimento foi como uma picada fina, penetrante, na carne do braço.

Tudo foi rápido. Não suportou o choque emotivo com a sua terra, e voltou na persuasão de lhe terem roubado alguma coisa. Era o problema da cidade diferente, ou do homem diferente, este recusando-se a admitir que houvesse mudado e supondo da boa-fé que a mudança fosse exterior e urbana; e a cidade não respondendo, mas impenetrável, mas inflexível, insinuando antes que a mudança devia ser humana e pessoal. Um espelho que não refletisse mais o dono; foi o cristal que se corrompeu ou foi o homem que se tornou invisível? De volta, na estrada de Santa Bárbara, essas dúvidas surgiam, cruzavam-se, desapareciam, e nenhuma resposta consolava o coração incerto.

Nesse trecho, detalha o que ele chama de primeira Itabira, da exploração do ouro. Isso se deu em 1705, quando o Padre Manoel do Rosário e João Teixeira Ramos descobriram ouro de aluvião na região e construíram uma capela. O povoado foi se fixando ao redor da capela e dos cursos d'água: Rio Tanque e Córrego da Penha, com poucos habitantes, já que não havia muito ouro a ser explorado na região.

Na década de 1820, os ingleses passaram a explorar o ouro da região, quando Dom Pedro I abriu a concessão de exploração para estrangeiros. Em 1827, foi elevada à condição de Freguesia, o que significava que era sede de uma paróquia com questões administrativas, e foi iniciada a construção de uma igreja matriz.

Em 1832, a população de Itabira era 7.963 habitantes, sendo que 3 mil deles eram escravos. No ano seguinte, foi elevada à condição de Vila, e teve sua emancipação administrativa, se desmembrando da Prefeitura de Caeté. Finalmente, em 1848, recebeu o título de cidade. O nome Itabira, tem origem indígena e significa “pedra que brilha”. Recebeu esse nome devido ao Pico do Cauê, já que a cidade se instalou e foi crescendo aos pés do Pico, e que brilhava muito devido à quantidade de ferro nele presente.

Nesse momento, tem início a segunda Itabira, de uma sociedade mais organizada. Com a decadência da exploração aurífera, a agricultura foi tomando maiores proporções. Em 1888, com a abolição da escravatura, muitos fazendeiros da região optaram pela pecuária em detrimento da agricultura, por não haver necessidade de tanta mão de obra.

A exploração do minério de ferro foi intensificando-se ao passar dos anos, a economia da cidade era frágil e isso se tornou seu sustentáculo. A Companhia Inglesa Itabira Iron One Company Limited se fixou na cidade em 1910, e tinha como objetivo a obtenção de grandes reservas de minério, além do controle da estrada de ferro Vitória-Minas, principal via de transporte que teria ligação até Itabira.

Drummond tem medo de imaginar como poderia ser a terceira Itabira, lamenta o modo como a encontrou em 1933, e que isso acabou por acontecer mais rápido que ele imaginava ou esperava. Itabira se vendeu aos interesses e se deixou ser explorada.

Por último, fala com tristeza de sua terra:

[...] Todos cantam sua terra, mas eu não quis cantar a minha. Preferi dizer palavras que não são de louvor mas que traem a silenciosa estima do indivíduo, no fundo, eternamente municipal e infenso à grande comunhão urbana. Ainda assim fui itabirano, gente que quase não fala bem de sua terra, embora proíba expressamente aos outros falarem mal dela. Maneira indireta e disfarçada de querer bem, legítima como todas as maneiras. E afinal, eu nunca poderia dizer ao certo se culpo ou se agradeço a Itabira pela tristeza que destilou no meu ser, tristeza minha, tristeza que não copiei, não furtei... que põe na rispidez da minha linha de Andrade e o desvio flexível e amável do traço materno.

Nesse trecho, já é possível perceber a topofilia melancólica de Drummond por Itabira, que está insatisfeito com o panorama vivido, mas não deixa que as outras pessoas falem mal de sua terra. Já sentia o desgosto das mudanças e não sentia mais prazer em voltar por lá.

Em 1939, escreveu “Confidência do Itabirano”, que foi publicado no livro *Sentimento do Mundo*, em 1940:

Confidência do Itabirano (RJ – 1939)

Alguns anos vivi em Itabira.

Principalmente nasci em Itabira.

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
[esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;]*
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói! (ANDRADE, 2001, p.68)

Neste poema, Drummond fala de suas características, herdadas de sua cidade natal, Itabira. Fala também das coisas que carrega consigo, e demonstra sua insatisfação ao que a sua cidade se tornou devido à exploração do ferro. Na última estrofe, diz que “Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!”, demonstrando que já não sente vontade de voltar.

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, a Companhia fundada pelos ingleses passou a ser administrada com capital de investidores europeus e norte-americanos, e não era possível extrair o ferro por exigências do governo brasileiro que não eram cumpridas. Assim sendo, em 1942 fundou-se a Vale do Rio Doce, empresa pertencente ao governo brasileiro. Em 1955, Drummond publica um poema criticando a postura dessa empresa estatal, chamado *Correio Municipal*:

(...)
Sucedo há bem treze anos,
oito meses e uns trocados,
os pobres itabiranos,
mais fazem, mais são furtados.

A nossa mina de ferro,
que a todo mundo fascina,
tornou-se (e sei que não erro),
pra nós, o conto da mina.
(...)
Do Rio Doce se chama,

de pranto amargo ela é,
refletindo um panorama
de onde desertou a fé.

Promete mundos e fundos,
piscina, cinemascópio,
avião entre dois segundos,
mas a promessa aqui é ópio.

De positivo, batata,
a injusta empresa nos lega
poeira de ferro, sucata
e o diabo (que a carrega).
(...) (ANDRADE, 2001)

Há outro poema de Drummond que critica a Companhia Vale do Rio Doce, que ficou muito conhecido após o acidente ocorrido na cidade de Mariana, em Minas Gerais, no fim de 2015, *Lira Itabirana*:

I

O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

II

Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

III

A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.

IV

Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro? (ANDRADE, 1984)

O escritor fica muito triste com o destino de exploração de Itabira, com o fim do pico do Cauê e da Serra, que vão se transformando somente em áreas de retirada de

ferro. Seu carinho se deve ao fato de que estes elementos são parte da história de sua família. No poema *A montanha pulverizada*, trata desse sumiço:

(...)
Esta manhã acordo e
não a encontro,
britada em bilhões de lascas
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões
no trem-monstro de 5 locomotivas
- o trem maior do mundo, tomem nota -
foge minha serra, vai
deixando no meu corpo e na paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa. (ANDRADE, 2001)

No poema citado acima, o autor fala do maior trem do mundo, e posteriormente, publica um poema chamado *O maior trem do mundo*, em que trata novamente de sua dor com essa exploração:

O maior trem do mundo
Leva minha terra
Para a Alemanha
Leva minha terra
Para o Canadá
Leva minha terra
Para o Japão

O maior trem do mundo
Puxado por cinco locomotivas a óleo diesel
Engatadas geminadas desembestadas
Leva meu tempo, minha infância, minha vida
Triturada em 163 vagões de minério e destruição
O maior trem do mundo
Transporta a coisa mínima do mundo
Meu coração itabirano

Lá vai o trem maior do mundo
Vai serpenteando, vai sumindo
E um dia, eu sei não voltará
Pois nem terra nem coração existem mais. (ANDRADE, 2001)

O autor deixou de viver definitivamente em Itabira no ano de 1920, mas é possível verificar que ao longo de toda sua trajetória, nunca deixou de lado a sua cidade natal, sempre ressaltando a sua insatisfação com a histórica exploração. Todos esses trechos aqui citados explicitam bem o sentimento de topofilia definido anteriormente, já que os laços profundos com determinado lugar são eternos na vida de uma pessoa, ou dificilmente rompidos.

6 | A CIDADE DE BELO HORIZONTE

Belo Horizonte foi escolhida para ser capital do estado de Minas Gerais no fim do século XIX, no ano de 1893, até então, a capital era Ouro Preto. Carlos Drummond de Andrade mudou-se para Belo Horizonte em 1916 para estudar no Colégio Arnaldo, mas logo em seguida teve que voltar para Itabira por motivos de saúde. Em 1920, mudou-se definitivamente para a capital junto com a sua família, onde permaneceu até 1934. Logo que chegou à capital, começou a escrever crônicas no jornal, relatando fatos rotineiros de sua vida.

A construção da capital foi totalmente planejada, inspirada no modelo arquitetônico de Paris, com muitas árvores, parques e praças, por isso conhecida como cidade-jardim. Em 1926, Drummond escreveu um poema chamado *Jardim da Praça da Liberdade*, que dedicou a seu amigo Gustavo Capanema, contando sobre o formato da praça, inspirado nos Jardins de Versailles e que pouco tem a ver com o contexto brasileiro. Em um pequeno trecho, ele diz que:

(...)
Paisagem sem fundo.
A terra não sofreu para dar estas flores.
Sem ressonância.
O minuto que passa
desabrochando em floração inconsciente.
Bonito demais. Sem humanidade.
Literário demais.

(Pobres jardins do meu sertão,
atrás da Serra do Curral!
Nem repuxos frios nem tanques langues,
nem bombas nem jardineiros oficiais.
Só o mato crescendo indiferente entre sempre-vivas desbotadas
e o olhar desditoso da moça desfolhando malmequeres.)

Jardim da Praça da Liberdade,
Versailles entre bondes.
Na moldura das Secretarias compenetradas
a graça inteligente da relva
compõe o sonho dos verdes. (ANDRADE, 2001)

Belo Horizonte cresceu muito mais que o previsto em um curto espaço de tempo, o que acarretou em problemas estruturais, de saúde, lazer e saneamento. As árvores espalhadas pela cidade começaram a ser cortadas em função da construção de casas e expansão dos bairros, e Drummond relata sobre isso no poema *A rua diferente*, escrito em 1928:

A rua diferente
Na minha rua estão cortando árvores
botando trilhos
construindo casas.

Minha rua acordou mudada.
Os vizinhos não se conformam.
Eles não sabem que a vida
tem dessas exigências brutas.
Só minha filha goza o espetáculo
e se diverte com os andaimes,
a luz da solda autógena
e o cimento escorrendo nas formas. (ANDRADE, 2001)

Em suas crônicas semanais publicadas no jornal, trazia assuntos corriqueiros dos habitantes belorizontinos, como essa, contando dos costumes:

VAMOS VER A CIDADE (1930)

A tarde murchou para os lados do Calafate. A escuridão emenda as escarpas da Serra do Curral com o céu onde começam a cintilar as estrelas do poeta Ademar Tavares. Da Serra até a antiga Praça do Mercado, duas fieiras de luzes compõem uma “feerie” geométrica. A cidade acabou de jantar.

Na rua Piauí há cadeiras de palhinha pelas calçadas. “Como eu estava dizendo ontem...” começa o chefe da seção em atividade para o chefe de seção aposentado, este último também republicano histórico. E uma conversa que veio de Ouro Preto com a Capital, e ainda não terminou. Enquanto isso, as moças fazem o footing na Avenida Paraúna, cujo asfalto brilha como um sapato novo.

O bonde conduz os frequentadores de cinema, que aproveitam a viagem para discutir as vantagens e desvantagens do filme sonoro. Nunca se chega a um acordo, a não ser quanto à possibilidade de se entender o inglês que não se aprendeu. “Norma Shearer tem uma voz horrível”, comenta um rapaz bem informado: e a discussão recomeça infrutífera.

Gente nos cafés da Avenida Afonso Pena. Pedacos de maxixe saltam das vitrolas e a garganta de Haeckel Tavares ou de Gastão Formenti conta que o vento “espaiou sua paioça”. O rapaz louro e de nariz grande perdeu a conta dos chopes e mandou recomeçar em benefício da estatística. Música da xícara sobre o mármore, abafando o chiar dos discos. Os problemas do “football” e os problemas acadêmicos: “Jairo vai jogar domingo que vem?” “A eleição de Fulano para 3º orador do centro é uma imoralidade”.

As vitrines expõem o último modelo de sweater e a aquarela da senhorita X, que custa apenas 80000\$ e pode perfeitamente ser dependurada no espaço, depois de adquirida e queimada. Os garotos dos jornais asseguram que houve qualquer coisa de grave na Vila Caillaux, mas ninguém acredita. E a música dos bares se espalha pela Avenida Amazonas, desce a rua Caetés e vai morrer na Praça Rui Barbosa, onde uma última vitrola congrega todas as noites o mesmo público de costas para o jardim. Jardim em que o murmúrio vago de água pulando dos repuxos se parte em bolhas minúsculas sobre os peixinhos vermelhos. “Olha aquele ali, que belezinha”, diz a moça para o namorado, com um ar profundamente ingênuo de quem já viu aquilo cem mil vezes mas precisa fingir que está vendo pela primeira. E

o rapaz, que é empregado no comércio mas não é psicólogo, concorda comovido quanto à belezinha do peixe. Em setembro estarão casados, se o patrão não abrir falência, como agora é de praxe.

Já andamos muito e estamos cansados. A cidade ficou lá adiante, com seus ruídos e fogos. Nesses morros, os bairros modestos se alastram laboriosamente, reclamando água, luz, bondes, telefones e lojas de sírios. Só o namorado, o eterno namorado de todas as ruas, acusa a sua presença eterna e múltipla. Entre o passeio e a janela circulam pedidos, perguntas, queixas e confissões: “Você é uma fingida, diz que gosta de mim mas não gosta”. “E você é muito ordinário, andou namorando a Cotinha no baile do Fluminense”. Ele ia responder a essa calúnia, mas olha para o céu em que há uma lua tão bonita, dá um suspiro e entrega para a lua. Nisso vem vindo o homem do amendoim torrado e ele com um níquel recupera a felicidade. Os dois estão mastigando, sob o luar. (ANDRADE, 1987, p.96)

Nessa crônica, fala do momento que anoitece na capital. As pessoas que utilizam as linhas de bonde para irem ao cinema, das conversas que têm ao longo do caminho; dos bares frequentados no centro de Belo Horizonte; os assuntos dos idosos aposentados do bairro Funcionários e as histórias que contavam de quando ainda viviam em Ouro Preto; das roupas e vitrines usadas na época. Também expõe problemas, ao relatar que naquela época era muito comum a falência de lojas e o desemprego dos funcionários. Outro ponto negativo é que novos bairros estavam sendo instalados nos morros, e não recebiam a devida atenção do governo, e por isso, sofriam com questões como falta de água e luz, linhas de bonde e precariedade de comércio.

Em 1931, com o pseudônimo de Barba Azul, faz uma crônica sobre o Viaduto Santa Tereza, inaugurado em 1929, e um dos maiores símbolos da capital mineira, importante por ligar o Centro ao bairro Floresta:

MUDAR O RUMO DA VIDA (1931)

É possível, sim, mudar o rumo da vida. Pois não se está mudando o rumo do viaduto, que foi construído em cimento armado e parecia a construção mais definitiva da cidade? A reta inflexível traçada pelos engenheiros vai morrer agora numa curva macia, entre a avenida Tocantins e a rua Sapucaí. Os homens que passam olham admirados. Há uma surpresa nos queixos caídos. Sim senhor, o viaduto! Com efeito! Mas a surpresa geral não invalida o fato positivo: deram outro jeito ao viaduto, para o bonde passar nele. Diante disso, não é possível dar outro jeito à nossa vida, mudar-lhe o rumo e o destino, fazendo com que tais e tais pessoas deixem de existir para nós, que outras ocupem o lugar daquelas, e que novas combinações deem a cada dia de nossa existência uma pequena surpresa que será uma grande felicidade?

Pois vamos mudar de destino, como a higiene manda mudar de camisa: diariamente. (ANDRADE, 1987, p.194)

Mesmo tendo mudado em 1934, Drummond sempre teve muito carinho pela capital de Minas Gerais. Ao longo de toda sua obra, traz alguns poemas a respeito da cidade em diversas épocas. Mas o poema mais marcante sobre Belo Horizonte foi publicado em 1970, chamado *Triste Horizonte*, em que demonstra como a cidade se vendeu e como se modificou ao longo do tempo. Não a reconhece mais, e prefere não

visitá-la para não sofrer o desgosto de encontrá-la totalmente diferente do que ele se lembra, e sofre com as transformações ocorridas.

(...)

Fujo

da ignóbil visão de tendas obstruindo as alamedas do Senhor.

Tento fugir da própria cidade, reconfortar-me
em seu austero píncaro serrano.

De lá verei uma longínqua, purificada Belo Horizonte
sem escutar o rumor dos negócios abafando a litania dos fieis.

Lá o imenso azul desenha ainda as mensagens
de esperança nos homens pacificados - os doces mineiros
que teimam em existir no caos e no tráfico.

Em vão tento a escalada.

Cassetetes e revólveres me barram
a subida que era alegria dominical de minha gente.

Proibido escalar. Proibido sentir
o ar de liberdade destes cimos,
proibido viver a selvagem intimidade destas pedras
que se vão desfazendo em forma de dinheiro.

Esta serra tem dono. Não mais a natureza
a governa. Desfaz-se, com o minério,
uma antiga aliança, um rito da cidade.

Desiste ou leva bala. Encurralados todos,
a Serra do Curral, os moradores
cá embaixo. Jeremias me avisa:
“Foi assolada toda a serra; de improviso
derrubaram minhas tendas, abateram meus pavilhões.

Vi os montes, e eis que tremiam.

E todos os outeiros estremeciam.

Olhei terra, e eis que estava vazia,

sem nada nada nada”. (ANDRADE, 2001)

Em um trecho do poema, diz que quer fugir de Belo Horizonte e ir para a Serra do Curral, pois lá, veria a cidade de longe, purificada. Ao chegar na Serra, é impedido de subir “cassetetes e revólveres me barram a subida que era alegria dominical de minha gente”. Assim como ocorrido em Itabira, o minério de ferro começou a ser explorado na Serra do Curral, e os moradores já não tinham mais acesso a ela.

A exploração pela MBR teve início na década de 70, e ameaçou o maior cartão postal da capital, e ele diz que “Esta serra tem dono. Não mais a natureza a governa. Desfaz-se, com o minério, uma antiga aliança, um rito da cidade” criticando o posicionamento da Prefeitura, que permitiu essa exploração. Durante toda a vida, mostrou o seu descontentamento em relação à exploração do minério em Itabira, e se mostra muito triste ao perceber que essa situação também afetou Belo Horizonte, que ele tinha grande apreço. Por último, diz que sua saudade sossegue, pois não quer

mais ver o Triste Horizonte que Belo Horizonte se tornou.

Este foi o último relato de Carlos Drummond de Andrade sobre a cidade de Belo Horizonte. Mostra-se decepcionado e desiludido com a modernização sofrida, e sente falta da Belo Horizonte em que ele viveu, tão familiar e tão pequena quando comparada a São Paulo e ao Rio de Janeiro.

7 | O TOPOCÍDIO DE ITABIRA E BELO HORIZONTE

Com a leitura de parte das obras de Carlos Drummond de Andrade e de autores que norteiam este estudo, fica clara a relação amorosa dele por sua terra e por Minas Gerais. Em todos os momentos de sua vida e em qualquer lugar que esteja, traz parte de suas lembranças da infância e da adolescência, ou lamenta da situação vivida por Belo Horizonte e Itabira no momento de sua escrita.

Nesse momento, faz-se necessário retomar os conceitos abordados anteriormente, de topocídio e topofilia. O topocídio caracteriza-se pela destruição de paisagens naturais ou construídas, e os processos que levam a essa destruição são considerados traiçoeiros, por serem responsáveis pelo fim de lugares que carregam consigo diversos sentimentos topofílicos. Já o conceito de topofilia, trazido por Tuan, trata do amor sentido pelas pessoas para com o lugar que nasceram.

A visita a Itabira foi muito esclarecedora em diversos aspectos, pois a transformação da paisagem pela exploração do minério de ferro é incontestável. A cidade se aproveitou do fato de ser o lugar de nascimento do escritor Carlos Drummond de Andrade, que pode ser percebido pelo nome de uma importante avenida; nome da Fundação Cultural; e também por abrir à visitação a fazenda e a casa que pertenceram ao escritor.

Há várias estátuas do escritor espalhadas ao longo da cidade, uma delas está bem na entrada de Itabira. É um pouco irônico pensar a respeito delas, visto que Drummond sempre teve muita repulsa pela exploração desenfreada do minério de ferro e as consequências disso para a saúde e paisagem, e parte desse ferro foi utilizado para homenageá-lo.

O Pico do Cauê, cartão-postal de Itabira, foi devastado por essa exploração. Como consequência, não tem nem metade da altitude real, sua exploração começou ainda na década de 1940, com a Companhia Vale do Rio Doce. Visto que o seu ferro foi completamente explorado, a mineradora, como medida compensatória, teve que reconstruir o pico e o fez a partir dos rejeitos de minério, de forma que agora ele tem uma pequena altitude quando comparado ao passado.

O que se pôde perceber ao fim da visita à Itabira, é que a cidade tem muito interesse turístico em Carlos Drummond de Andrade, mas não considera todos os registros feitos por ele ao longo da vida em relação à exploração do ferro e as consequências para a paisagem. A paisagem em geral se mostra muito alterada, e as mineradoras continuam atuando com autorização da Prefeitura do município.

Segundo dados de 2014 do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM), Minas Gerais é o principal estado minerador do país, com a produção de 180 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, e Itabira é a maior cidade mineradora do país. As outras cidades produtoras eram à época: Mariana, Nova Lima, Congonhas, e Itabirito, sendo a Vale a principal empresa responsável por essa extração.

Já em relação a Belo Horizonte, são várias transformações observadas, principalmente no que tange à verticalização e crescimento da cidade. Carlos Drummond faz muitos relatos dos caminhos que traçava de bonde pela capital, das árvores que ocupavam grande parte da Avenida Afonso Pena e tampavam suas construções, dos poucos bairros que havia e da zona boêmia da cidade que frequentava junto aos seus amigos escritores.

Há muito tempo os bondes foram extintos, a cidade apresentou uma considerável verticalização, se expandiu para muito além dos limites da Avenida do Contorno, a Avenida Afonso Pena já quase não tem árvores e o Parque Municipal apresenta um terço de seu tamanho original. A Praça da Liberdade ainda mantém suas características da projeção original, mas o centro da cidade em geral não se assemelha ao vivenciado por Drummond.

A Serra do Curral sofreu grande exploração por parte das mineradoras, sendo que uma delas ocupou a Serra durante mais de 30 anos. Hoje, o cenário não se parece em nada ao visto pelo Drummond, mas em 1991 foi tombada como patrimônio paisagístico. Então, a Prefeitura de Belo Horizonte criou o Parque da Serra do Curral, com o único objetivo de recuperar as áreas exploradas e preservar o que não foi afetado diretamente por essa atividade.

O Parque foi inaugurado em 2009, e em sua entrada, há um trecho do poema “Triste Horizonte”. Além de um documento assinado por Carlos Drummond de Andrade em 1959, quando trabalhava no DPHAN, atual IPHAN, que o governador do estado de Minas Gerais solicita o tombamento da Serra do Curral, de forma a impedir que fosse atingida pela mineração.

Se Carlos Drummond de Andrade já sentia muita tristeza de ir a Itabira e Belo Horizonte nas décadas de 1970 e 1980, não gostaria de ver o panorama atual dessas cidades. Itabira totalmente transformada pela exploração do minério de ferro, vendida à mineração. Enquanto Belo Horizonte, se expandiu em todas as direções e foi tomada pela verticalização.

8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos conceitos utilizados da Geografia Humanista, é sabido que a literatura permite saber mais detalhes de um povo, como os costumes, a cultura e a maneira de se relacionar. A partir de Carlos Drummond de Andrade, foi possível extrair diversos detalhes cotidianos de Itabira e Belo Horizonte, que não estão presentes nos livros de

história. Portanto, a geografia desses lugares pôde ser analisada por outro ângulo, do ponto de vista de um cidadão que vivenciou diversos momentos marcantes em tempo real.

Dessa forma, os objetivos inicialmente propostos foram alcançados de maneira surpreendente e prazerosa. As obras deixadas por Carlos Drummond de Andrade permitiram ver os lugares por onde ele passou com um olhar mais poético, pois sua visão trazia traços muito sutis e amorosos de tudo que lhe tocava de alguma maneira. Por isso, também, suas críticas eram muito rígidas, visto que as transformações que não lhe agradavam, eram muito doídas para tamanha sensibilidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Confissões de Minas**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Crônicas, 1930-1934**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura: Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, 1987.

DOZE de dezembro de 1897. Roteiro e Direção: Kiko Mollica. Produção: Roberto Said e Valéria A. Neves. Documentário, 56'05". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QaW4Vu0oxvM>>. Acesso em: 05 de set. de 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa: conforme as disposições do autor**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Bradesco Seguros, 2001. 2v. (Biblioteca luso-brasileira. Série Brasileira)

CANÇADO, José Maria. **Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Scritta, 1993.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **No tempo do Mato Dentro**. [Belo Horizonte]: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Culturais, [1988?]. 148 p.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. In: **Revista Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, UERJ, Edição Comemorativa, 1993 - 2008.

INSTITUTO Brasileiro de Mineração. **Informações sobre a Economia Mineral do Estado de Minas Gerais**, 2015. Disponível em: <<http://www.ibram.org.br/sites/1300/1382/00005483.pdf>>. Acesso em: 30 de nov. de 2016.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena B. **Geografia & literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010.

MONTEIRO, Carlos Augusto de F. **O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. **Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura** [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/myv39/pdf/pinheiro-9788523209223.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio-ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

SOBRE A ORGANIZADORA

ANNA PAULA LOMBARDI Possui graduação em Bacharelado em Geografia (2011) e Licenciatura em Geografia (2014) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR. Mestre em Gestão do Território (2014) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Doutora em Geografia (2018) pela mesma Instituição. Bolsista Capes pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior realizado na Universidad Autónoma de Ciudad Juárez/Chihuahua/México pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo no Doutorado em Estudios Urbanos (2017). Conhecimento na área de Geografia e Ensino de Geografia. Atua principalmente nas áreas de espaço urbano, Planejamento Urbano, sociedade; práticas sociais, grupos de minorias, políticas públicas e os estudos da Geografia da Deficiência (the Geography of Disability). Trabalhou como Professora/formadora na UAB no curso de Licenciatura em Geografia pela disciplina de (OTCC) Orientações de trabalho de conclusão de curso pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Atualmente é Docente pela Faculdades CESCAGE e realiza Orientações e supervisões no curso de Especialização em História, Arte e Cultura a distância pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-146-6

